



<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/resenha-a-mulher-passaro/>

**Desvios ambientais possíveis a partir de um texto literário: uma resenha do livro *A mulher pássaro*, de Carolina Becker**

Ariana Sousa de Moraes Sarmiento[1]

BECKER, Carolina. *A mulher pássaro*. Ilustrações de Patrícia Grabowski. Palhoça, SC.: Ed. da Autora, 2024.

---

“Literatura é coisa repleta de pelos: pelos avessos nos agarra, pelas superfícies nos arrepiam. Lendo livros um leitor se encontrará presente performando as palavras de um outro. Literatura exige corpo: pele para se assustar, dedos para folhear, olhos para fugir da página. Voz para desenterrar um canto quando surge *aquela frase*.” (Costa, 2023, p.173)

Que desvios ambientais se fazem possíveis também na literatura? A chamada deste dossiê coloca em questão “a necessidade de uma mudança no modo de fazer e de pensar que seja capaz de afetar o modo de sentir e de se relacionar com as coisas” (Gonçalves; Preve, 2024). Como seria pensar uma literatura conectada a esse desejo e afastada de objetivos instrumentais de qualquer tipo, tão dispendiosos à Modernidade mesmo dentre as expressões artísticas que tenderiam a se afastar deles? Como seria experienciar uma literatura que esgarça as fronteiras entre humano, inumano e mais que humano, desviando dos binarismos que invadem campos do saber como a Educação Ambiental, por exemplo? Esta resenha busca compartilhar uma experiência de leitura desse tipo, fruto de uma pele agarrada pelas palavras e arrepiada pela superfície de um livro que propõe um exercício imaginativo de *estar com*, *fazer com* e *sentir com* muitos mundos possíveis.

A obra literária *A mulher pássaro* é um livro de ficção de 96 páginas, com texto de Carolina Becker[2] e ilustrações de Patrícia Grabowski[3]. A publicação foi produzida com recursos da Lei



Paulo Gustavo[4], uma alegria para quem deseja habitar por meios sensíveis o espaço institucional do financiamento público, do fomento à cultura e à educação, lugar muitas vezes inundado por propostas de relação com “a natureza” – e com a “educação para a natureza”, a chamada Educação Ambiental – ainda pautadas na separação entre “nós” e “ela”, bem como na busca por ensinar ou discursar *sobre* modos de solucionar os chamados “problemas ambientais”.

*A mulher pássaro* não envereda pela separação e pelo discurso *sobre*. “Ser natureza é fazer parte do todo sem nunca ter experimentado não se sentir parte dele” (Becker, 2024, n.p.). Carolina inicia seu livro com essa frase, que ecoa no decorrer de toda a leitura. Como seria nunca ter experimentado não se sentir parte do todo? Como seria se não existisse uma tal relação dentro/fora, mas apenas as coisas, as existências, todas elas “estando” em um espaço outro, conjugado, não excludente? Essa parece ser a aposta do livro, cuja narrativa é contada na primeira pessoa por um ser híbrido, uma mulher pássaro que tem poucas notícias de suas origens filogenéticas, mas a certeza de sua imensa relação com a Terra: “Do chão, eu escuto as batidas do meu coração porque meus ouvidos estão completamente colados na terra” (Becker, 2024, n.p.).

No decorrer dos voos da mulher pássaro, somos convidados a voar com ela e a acompanhar suas descobertas acerca de sua própria existência. Contudo, não *por sobre* florestas, montanhas, morros ou rios – não para avistá-los de longe –, mas para experienciá-los de muito perto, transitando *por entre* seus aromas, texturas e cores, “sentindo o chão com a planta dos pés” e “escutando o vento com a ponta do bico” (Becker, 2024, n. p.), como a própria personagem faz. Somos convidados a percorrer um lugar não apenas para encontrar com os seres que vivem ali como quem esbarra em alguém, cumprimenta e já sai correndo para seguir seu caminho particular, mas para *estar com* esses seres, experimentando estabelecer, com eles, alianças impensadas, afetivas, “que pressupõe afetos entre mundos não iguais”, como nos ensina Ailton Krenak (2022, p. 82). Um movimento que reconhece, nas palavras do pensador indígena, uma intrínseca alteridade em cada ser e introduz uma desigualdade radical diante da qual somos obrigados a uma pausa que nos exige “tirar as sandálias, pois não se pode entrar calçado” (Krenak, 2022, p. 82).

Trata-se de um livro que pede lentidão. Demoras. Pausas para que o indizível possa ser expresso e o inaudível, escutado. Pausas feitas não apenas com as palavras poéticas escolhidas minuciosamente para narrar a história, mas também pelo modo como as ilustrações são



distribuídas nas páginas, construindo paisagens em movimento. Construção que me faz recordar da “nutrição estética” mencionada por Leandro Belinaso (2020), em diálogo com Mirian Celeste Martins, no livro “Na pele do mundo”. Ao demonstrar sua preocupação com o modo como educadores e educadoras ambientais alimentam seus corpos e suas subjetividades para enfrentar as asperezas e durezas do mundo, ele afirma: “nutridos esteticamente ampliamos nossa capacidade imaginativa” (Belinaso, 2020, p. 11). É perceptível na obra *A mulher pássaro* essa preocupação, de instaurar atmosferas em que se façam possíveis respiros imaginativos, nutrições estéticas frente aos momentos incertos em que vivemos.



Figura 1 – *A mulher pássaro*. Ilustração de Patrícia Grabowski. Fonte: BECKER, Carolina. *A mulher pássaro*. Ilustrações de Patrícia Grabowski. Palhoça, SC.: Ed. da Autora, 2024.



Os rumores e sopros que sussurram os segredos do mundo são muitos, mas alcançar a qualidade da escuta necessária para estabelecer alguma aliança com essas histórias não parece ser algo tão simples frente à um modo de vida acelerado e preocupado prioritariamente com a produção e o acúmulo de informações. Diante desse cenário, a autora nos faz sentir que a literatura pode ser um caminho de aproximação com esses rumores, os quais nos contam também sobre as emoções e sentimentos da personagem: “Queria poder dizer em alto e bom som que sem o sussurro das plantas não há vida que persista” (Becker, 2024, n. p.).

Com um certo tom “Manuelesco” – e aqui me refiro ao poeta Manuel de Barros rabiscando em seu caderno as “escutas” de seu amigo Bernardo e do Padre Antônio Vieira –, Carolina também resolve rabiscar os “escutamentos” da mulher pássaro ao “encostar as orelhas na boca do bárbaro” (Barros, 2013, p. 383). Seja para ouvir as vozes do chão, a fala das águas, o crescimento das árvores, o perfume das cores ou o silêncio das formas, tal qual as palavras de Bernardo as de Carolina também nos permitem experimentar a potência de mundos que se abrem para outras cosmovisões e imaginam “pluriversos” (Krenak, 2022).

Como seria estar de posse de outro olhar? (Becker, 2024) Como seria olhar desde uma formiga ou um gafanhoto? A mulher pássaro nos provoca a experienciar tais movimentos, talvez possíveis somente na literatura. Descalços, como afirma Krenak, somos convocados a nos abaixarmos lentamente e, em uma troca de olhares, nos permitirmos oscilar entre o silêncio da formiga que mergulha no sonho da mulher pássaro e o mundo fragmentado de realidades à parte visto por ela através do olhar de outro animal. A cada encontro entre a personagem e os outros seres, um renascimento acontece.

Apesar de ver o mundo em cores, só recentemente é que passei a me colorir. Era como um recorte em branco e preto colada no mundo. [...] As cores me disseram que posso nascer muitas vezes na mesma vida. O que significa que há mortes também. Morro e nasço desde então, e minhas cores se transmutam a cada renascimento (Becker, 2024, n. p.).

A quietude, o imenso, o mistério e o infinito desenham-se em cada nova cor que surge na personagem. Há uma fluidez na mulher pássaro que oscila entre o prazer de deixar-se misturar com os encontros e certa inquietude de perder os contornos e fundir-se no chão em que ela mesma se escuta. Há quem sabe um medo da imensidão que é fazer parte do todo, medo



profundo que talvez todos carreguemos dentro de nossa existência, mas que com certa frequência nos escapa, mantendo-se escondido em algum canto, atrás de alguma articulação do corpo. Contudo, na história contada pela autora, a personificação do medo vem dizer que ele existe e que isso, independentemente de o entendermos, é melhor do que fingir que ele não está lá.

A lua que carrego dentro de mim iluminou aquilo que escapa de meu olhar.  
Meu medo, meus limites de existência.

[...]

Ficamos ali, parados, lado a lado. A maioria do tempo em silêncio, porque o silêncio nos disse mais. (Becker, 2024, n. p.).

Sapos, rãs, mosquitos, coelhos, macacos e plantas seguem contando notícias dos mundos onde vivem. Em meio ao concerto produzido a partir das lamúrias e mensagens de uma infinidade de seres, o silêncio sempre retorna como necessidade de deixar ecoar o que está sendo cantado por cada um, independentemente de sua estatura ou hábito alimentar. O movimento é constante. Ao mesmo tempo em que o silêncio se faz presente, a autora nos mostra de forma sensível que algo não precisa estar parado para que ele aconteça, afinal, o “parado” sequer existe. Talvez o que exista seja, então, uma pausa movente que possibilita o surgimento de múltiplas paisagens, simultaneamente: “[...] tenho muitos lugares preferidos na vida. Eles se conectam com certos horários em que posso observá-los diante de uma luz que os transforma” (Becker, 2024, n. p.).

Afagar, sentir o abraço da areia contornando cada dedo ao pisar no chão, nutrir-se de uma paisagem. “Ouvir o que o corpo tem a dizer; [...] desvendar o que se esconde entre um e outro pensamento; [...] enxergar de olhos fechados” (Becker, 2024, n. p.), perceber o que há no espaço entre cada grão de areia, fazer gritar o sussurro das plantas. Todas essas são sensações provocadas pela mulher-pássaro, as quais nos permitem não apenas falar sobre questões ambientais, mas senti-las, *estar com* as potências animais e vegetais que foram e são constantemente sufocadas por nossa civilização.

Em “Ficar com o problema”, Donna Haraway (2023) nos provoca a pensar sobre o que aconteceria se um parceiro profundamente implicado na vida do outro desaparecesse completamente da Terra. Ela nos conta ficções em que as personagens assumem a responsabilidade por coletar as histórias que são deixadas para trás quando um ser, um modo de ser, morre, fornecendo como



exemplo o caso de uma orquídea chamada *Ophrys Apifera*, que guarda a memória de uma abelha já extinta através do formato da flor que a mimetiza. De algum modo, esses exemplos sugerem possibilidades de ressurgimento a partir das artes da memória. Que memórias as coisas, os seres, os elementos carregam na/com a Terra? Que modos de ser podem ressurgir quando colocamos em prática a arte da escuta dessas memórias? Em *A mulher pássaro*, tal qual nos exemplos trazidos por Haraway, os seres parecem estar compartilhando conosco, sussurrando o tempo todo memórias de suas vidas e dos modos de viver deixados por outros.

Ao encontrar um outro alguém semelhante a si mesma, mas ainda em nascimento, a mulher pássaro conta-lhe sua história: “Ele ouviu com atenção e não me perguntou nada. Era como uma esponja inundada pelas imagens que foram construídas em mim durante meus anos de vida. Minhas águas internas lhe foram transmitidas. Meu corpo lhe contando segredos que eu mesma não sabia” (Becker, 2024, n. p.).

Em sua partida, a personagem principal recorda sentires de uma existência que seu duplo havia acabado de esquecer, trazendo notícias de que a vida de cada ser vivo é muito mais antiga que seu próprio nascimento, como também afirma Emanuelle Coccia (2020) em “Metamorfoses”. O que todos eles têm em comum – Emanuelle Coccia, Donna Haraway, Ailton Krenak, Leandro Belinaso, Carolina Becker, Manoel de Barros, Bernardo e a mulher pássaro – é a capacidade de, ao desviar de uma ideia padrão e envelhecida de “ambiental”, intencionalmente ou não, fazer com que nós também possamos descobrir nossos próprios desvios, vislumbrando outras Terras possíveis e (im)possíveis das quais, arrisco dizer, sem nunca os termos encontrado jamais nos sentiríamos parte. Desejo que possamos seguir nos nutrindo com leituras como essa e fico no aguardo dos próximos livros da autora.

## Bibliografia

BARROS, Manoel de. O livro de Bernardo: 2ª Parte. In: Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo. In: **Poesia completa**: Manoel de Barros. São Paulo: LeYa, 2013.

BECKER, Carolina. **A mulher pássaro**. Ilustrações de Patrícia Grabowski. Palhoça, SC.: Ed. da Autora, 2024.

BELINASO, Leandro. Apresentação. In: BELINASO, Leandro; CODES, Davi de. **Na Pele do Mundo**. Florianópolis: Casatrês, 2020. 223 p.



COCCIA, E. **Metamorfoses**. Ilustrações de Luiz Zerbini. Trad. Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

COSTA, Victor Anselmo. Leituras. In: BELINASSO, Leandro; CODES, Davi de. **Na Pele do Mundo**. Florianópolis: Casatréis, 2020.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. Trad. Ana Luiza Braga. 1.ed. São Paulo: N-1 edições, 2023.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

*Recebido em: 15/09/2024*

*Aceito em: 15/11/2024*

---

[1] Professora na Escola de Educação Básica Padre Anchieta (Florianópolis, SC) e doutoranda em Educação, na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. E-mail: [arianamsarmento@gmail.com](mailto:arianamsarmento@gmail.com)

[2] Carolina Becker é formada em Letras e Mestra em Estudos Literários. Mora em Santa Catarina desde 2018, atua no mercado editorial de livros didáticos e ministra oficinas de escrita. “A mulher pássaro” é seu terceiro livro, tendo publicado também “Contos com gigantes”, ganhador do 2º Prêmio Cepe Nacional de Literatura Infantil e Juvenil, em 2020, e “Das caraminholas de Firmino ou O besouro que não chorava”, de 2021.

[3] Patricia Grabowski é artista visual formada em Escultura pela Escola de Música e Belas artes do Paraná e especialista em Comunicação Audiovisual (Pontifícia Universidade Católica/PR). Transita entre linguagens, atuando através da literatura, ilustração e audiovisual. Em A mulher pássaro, a artista buscou texturas experimentando novas linhas num processo de repetição com papel carbono, sobreposição de tintas e transparência onde todas as ilustrações esboçadas se tornaram definitivas na obra, além de monotipias que foram editadas pela autora do livro.

[4] Lei Complementar 195/2022, que versa sobre a concessão de apoio financeiro a ações culturais. A obra foi contemplada pelo edital 006/2023, em sua aplicação no município de Palhoça/Santa Catarina. Além das cópias físicas distribuídas gratuitamente em escolas e bibliotecas públicas, uma obra audiodescritiva (audiolivro) encontra-se disponível no *Spotify*:< <https://open.spotify.com/episode/01UBQ5mpifUbQpEAYgODZu?si=1To5XizmSIG72xTYoPxTpw>>.